

Marujas e Capitoas: Simbolismo, Poder e Hierarquias no ritual da Marujada da Festa de São Benedito na cidade de Bragança, Pará.¹

Ester Paixão Corrêa (UFPA/PA)
Edna Ferreira Alencar (UFPA/PA)

Resumo

A dança da Marujada é um dos ritos mais importantes da Festa de São Benedito que ocorre no mês de dezembro no município de Bragança, estado do Pará. A festa é realizada há 217 anos e foi declarada em 2009 como patrimônio cultural e artístico do estado do Pará. Sua estrutura comporta vários ritos de caráter sagrado e profano, que ocorrem em diferentes momentos e espaços, e com o protagonismo de vários sujeitos. Sua realização afeta a vida social, política e econômica da região, por ser um momento de celebração e renovação de laços sociais, e reafirmação da fé e identidade cultural. O objetivo deste trabalho é analisar as transformações no papel das mulheres e nas relações de poder no ritual da Marujada nas últimas décadas. Considerando que as identidades culturais são fluídas e estão em processo de construção, e que as festas são espaços de reafirmação de símbolos, de reforço de valores e hierarquias sociais e poder, analisaremos por essas perspectivas o ritual da Marujada, buscando articular a agência das mulheres, ao assumir uma identidade coletiva de Marujas, relacionando com as identidades que assumem individualmente. Sua estrutura é formada por um grupo heterogêneo, em termos classe social, de raça, de gênero e religião. É um ritual onde se observa a inversão de hierarquias, pois as mulheres são as protagonistas que detêm um poder simbólico, e em permanente negociação com os demais agentes deste ritual. Na análise utilizamos o conceito de ritual a partir de Durkheim (1983), que situa os ritos como tradutores das necessidades e dos aspectos tanto da vida individual quanto social; de Edmund Leach (1996), para quem o rito “diz” alguma coisa sobre uma sociedade e sobre os envolvidos em uma ação; e de Victor Turner (2005) a partir da noção de “drama social”. O material etnográfico utilizado na análise resulta de pesquisa de campo realizada em 2015, e de pesquisa bibliográfica sobre o tema.

Palavras-chaves: Festa; Ritual; Marujada.

Introdução

A cidade de Bragança, situada na região nordeste do estado do Pará, carinhosamente chamada de Pérola do Caeté, é um importante centro urbano que se destaca pela forte presença de manifestações culturais cuja origem remete ao período grandioso da economia, quando esta era um entreposto comercial entre a capital, Belém e outros estados, como o Maranhão. Dentre as manifestações destaca-se a festa realizada em homenagem a São Benedito que ocorre no mês de dezembro, e que tem sido

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

realizada há 217 anos e possui diversos ritos que podem ser classificados entre sagrados e profanos. Dentre esses, destacamos a dança da Marujada, que é o nome atribuído a um conjunto de danças nas quais a mulher possui centralidade. Esta dança é considerada como um dos mais importantes ritos da Festa de São Benedito, chegando, inclusive, a possuir maior expressão cultural que a própria festa, e foi reconhecida como Patrimônio Imaterial Cultural e Artístico do Estado do Pará, no ano de 2009. Ao caminhar pelas ruas da cidade de Bragança erguida às margens do Rio Caeté é possível perceber uma rica herança da colonização portuguesa presente nas construções que existem na cidade, como os casarões e as igrejas. Esse conjunto arquitetônico é uma evidência de que Bragança foi uma cidade importante em outra época.

As festas são fenômenos importantes por meio dos quais é possível compreender a vida social de determinada, e possuem diversas dimensões que são indissociáveis, geralmente assumem diversas formas, dependendo dos propósitos que estão envolvidos em sua realização. No caso das festas de devoção a um santo católico como São Benedito, observa-se ritos de natureza sagrada e também profana, que remetem a elementos da cultura cristã europeia e também da cultura de migrantes africanos. A festa de São Benedito é uma tradição cultural que dá sustentação à identidade dos moradores desse município, e da região conhecida como zona bragantina, e congrega expressões culturais de diferentes povos, como os povos indígenas, europeus, e africanos. Existe uma forte identificação individual e coletiva das pessoas com essa manifestação, pois serve como espaço de reforço dos laços individuais com o sagrado, e também de laços sociais e afetivos.

A Festa de São Benedito é uma celebração coletiva que propicia as mais diversas interações sociais e afetivas, seja dos (as) devotos (as) com o Santo intercessor, São Benedito, como também nos reencontros no mês de dezembro que sustentam os laços de solidariedade existentes entre marujas e marujos, principais sujeitos da Marujada; e entre as pessoas que se deslocam dos mais diversos lugares para renovar os laços familiares com amigos, com os irmãos e irmãs de fé, em um processo de renovação de sua fé e reafirmação de sua identidade cultural.

Todos os anos, com a proximidade da Festa a cidade de Bragança vive um frenesi de atividades religiosas e profanas, que podem ser observadas facilmente em toda a cidade. As cores vermelho, branco e azul estão presentes nesses espaços, as mesmas cores dos trajes padrões usados pelos participantes da dança. Em alguma

esquina ouve-se sempre o som do Retumbão² ecoando de algum aparelho de som de carros e das lojas do centro comercial, onde as cores vermelho e branco predominam nos artigos expostos na vitrine, dos quais tem destaque artigos da indumentária feminina. Tudo isso contribui para criar o clima deste momento festivo e lembrar a todos que é tempo da Marujada! É assim que os bragantinos e visitantes definem esse período do ano. Também evidencia como a festividade de São Benedito tende a ser definida à partir da Marujada que é apenas um dos ritos que compõem esta festa.

Este artigo tem como objetivo analisar as transformações no papel das mulheres e nas relações de poder no ritual da Marujada que ocorreram nas últimas décadas, para tentar compreender o processo de inserção das mulheres neste ritual que tem sido realizado há 217 anos, e que nas últimas décadas tem ocupado um papel de destaque neste rito que é parte da festa maior em homenagem a São Benedito. Neste evento centenas de mulheres, vestidas com seus suntuosos trajes de dança e com os pés descalços, dançam e seguem em cortejo obedecendo ao comando de uma mulher, a Capitoa, para realizar uma dança em louvor a São Benedito, a Marujada. Esta dança tem se destacado como um forte elemento da identidade bragantina.

Os dados analisados aqui são parte de pesquisas realizadas em diferentes momentos, que incluiu a participação na Festa de São Benedito para etnografar este ritual e os demais ritos que fazem parte de sua estrutura, como a dança da Marujada; e também resultam de dados levantados em pesquisa bibliográfica realizada em bibliotecas virtuais e de instituições públicas, com o objetivo de conhecer sobre a presença e o papel das mulheres na Festa de São Benedito, e compreender as mudanças que ocorreram no ritual da Marujada.

Ser Maruja é ser devota de São Bendito

A Marujada possui diversos elementos que fazem parte de sua estrutura e que a identificam, por funcionarem como símbolos³, dentre os quais destacamos os ritmos marcados pela presença do tambor e da rabeca, as manifestações de devoção a São

² Retumbão é a segunda dança executada na Marujada, após a Roda, marujos e marujas dançam ao som do Retumbão, que é uma dança com influências do Lundum, dança de origem africana. É um dos ritmos preferidos dos dançantes, sua musicalidade é um elemento que remete a Marujada, mesmo fora do contexto da festa. É um dos ritmos mais conhecidos da Marujada.

³ Considero aqui, símbolos no sentido de Geertz (2008: 67) que entende símbolo como “qualquer objeto, ato, acontecimento, qualidade ou relação que serve como vínculo a uma concepção – a concepção é o “significado” do símbolo”.

Benedito, as várias danças, e os trajes usados por mulheres representando as Marujas e Capitoa, e também pelos homens representando os marujos. Assim, os ritmos musicais que caracterizam a Marujada, a *performance* dos dançantes, e as cores dos trajes estão presentes na decoração das ruas, dos prédios, das praças e casas da cidade de Bragança. E, sobretudo, como parte da identidade dos bragantinos e bragantinas associada à devoção a São Benedito, um Santo de origem pobre, e também negro, ficou conhecido como o Santo Preto, por proteger as pessoas de origem africana que na época da colonização vieram para a região na condição de escravos. Seus devotos, inicialmente, pertenciam à parcela menos favorecida da sociedade, que compartilhavam com o Santo os mesmos estigmas sociais, agregando uma multidão de devotos que com ele se identificavam. Atualmente a multidão de devotos é heterogênea e pluriétnica, composta por sujeitos de classes sociais diferentes, que também se identificam com o Santo.

Na literatura que trata sobre a Festa de São Benedito não encontramos pesquisas que abordem especificamente a presença feminina no ritual da Marujada. Um trabalho considerado clássico que trata sobre a construção da identidade bragantina tendo como foco a festa de São Bendito realizado por Dedival Silva (1997) há uma breve referencia às mulheres Marujas tacacazeiras, lavadeiras, benzedadeiras e mingauzeiras. O autor afirma que seu estudo trata apenas das “pessoas simples e desprestigiadas no mundo cotidiano” (1997: 251), e a negociação da realidade é pensada pelo viés da transmutação “da vida simples” para uma posição de “autoridade” que algumas pessoas ocupam no momento do ritual. Contudo, a pesquisa que desenvolvemos aponta que essa manifestação, a Marujada, passou por diversas modificações desde a realização do estudo de Silva no final da década de 1980. Naquele momento a Marujada passava por um processo de transição, que foi um marco na história dessa manifestação cultural, devido aos conflitos que havia entre os agentes eclesiais da Igreja, da prelazia de Bragança, e membros da Irmandade de São Benedito de Bragança pelo controle da Festa. Os conflitos quase levaram à desarticulação da Marujada.

A devoção a São Benedito é o principal aspecto que une as pessoas que participam da dança da Marujada, pois trata-se de uma forma de comemorar uma graça alcançada por meio de uma promessa feita para São Benedito para que o mesmo intercedesse em favor do devoto. Segundo Geertz (2008: 70), a devoção é uma disposição que o indivíduo possui para manifestar sua crença em determinados

momentos, “ser devoto não é estar praticando algum ato de devoção, mas ser capaz de praticá-lo”, a substância da devoção vem do ânimo e da motivação, no caso dos devotos de São Benedito, a motivação é a promessa.

Por seu caráter de manifestação cultural há quem se declare “devoto”⁴ apenas da Marujada, participando da dança pela identificação do seu valor histórico cultural. Isso reforça Fernandes (2011), que ao tratar da devoção a São Benedito, diz que essa é apresentada ao público externo como manifestação espetacularizada através da Marujada, o que é consequência dos processos de transformações que ocorreram no decorrer dos anos, com a grande dimensão folclórica que a manifestação adquiriu a “marujada se tornou símbolo de identidade bragantina, transformando-se em produto comercial e político” (2011: 73).

Para se tornar Maruja ou Marujo é necessário que a pessoa tenha alcançado uma graça por intermédio de uma promessa feita ao Santo. Porém, a devoção religiosa não é o único aspecto que a impulsiona. Ser Maruja é fazer parte de uma hierarquia e requer adequação a algumas normas, prestar obediência à Capitoa, mulher responsável por iniciar e encerrar as danças, e por manter a disciplina do grupo. Cabe a ela observar o cumprimento das regras que funcionam como verdadeiros códigos de conduta – que inclui a indumentária e comportamentos - que possibilitam a integração e participação de todos durante o ritual. Assim, todos devem a ela respeito e obediência.

Festas de Santos como expressão de identidade

As festas religiosas estão no universo de bens culturais do Brasil, compondo a identidade cultural dos brasileiros. São parte das manifestações de cultura popular que foram conservadas principalmente no interior do Brasil, como a Festa de São Benedito em Bragança, e que funcionam como espaços simbólicos de recriação do mundo. Para Amorim (2002), a festa é uma manifestação popular, é uma experiência cultural pouco valorizada por diversos segmentos no Brasil, e que conquista espaço na antropologia a partir da década de 1950, associada ao interesse de ampliar as pesquisas sobre o tema

⁴ Essa foi uma colocação de um Marujo, durante o trabalho de campo, que dizia não participar dos ritos religiosos da festa relacionados à Marujada, como a Procissão, pois não era devoto de São Benedito, e sim, era devoto da Marujada, por isso apenas dançava. Podemos compreender que para este a Marujada é considerada apenas pelo seu aspecto cultural.

das festas, e aos poucos passam a serem incluídas dentro das discussões acadêmicas como saberes populares, e como patrimônio cultura¹⁵.

As festas religiosas do Brasil são exemplos de universos de significados partilhado por uma coletividade. As festas e a religião tem uma relação profunda que foi objeto de análise de Durkheim (1983) ao tratar da vida religiosa. Segundo esse autor a religião auxilia-nos a viver, através de atos que são repetidos regularmente, a que chama de culto. A religião reflete todos os aspectos da sociedade, no qual os atos da vida coletiva são classificados como sagrados e profanos. O lado profano está relacionado ao mundo real, que é suposto por um mundo ideal, que é o religioso. Este último é composto por crenças que necessitam ser partilhadas para serem ativadas. As festas resultam de uma necessidade de reviver momentos de efervescência que uma vez experimentadas por determinada coletividade faz com que os indivíduos sintam “necessidade de revivê-las de tempos em tempos pelo pensamento, isto é, de conservar sua recordação por meio de festas que regularmente renovam os frutos” (Durkheim 1983 p. 230).

As festas religiosas no Brasil são herança do período colonial, período em que as festas católicas foram difundidas e estão presentes no contexto amazônico. Segundo Carvalho (2010 *apud* Braga 2007) essa difusão das festas católicas, isto é, de festas religiosas e populares, é resultado da participação da igreja católica na colonização europeia portuguesa na Amazônia, como meio de evangelização e aculturação do negro e o índio, que tiveram participação direta na herança que perdura até os dias atuais, e estão presentes no calendário de festas da igreja católica e se apresentam nas manifestações de devoção aos santos.

⁵ O debate em torno do conceito de patrimônio tende a colocá-lo como uma categoria do pensamento antropológico. A noção de Patrimônio Cultural diz respeito à junção de duas ideias: uma que simboliza herança (patrimônio) e outra que remete ao conceito de cultura. Para Oliveira (2012, p. 3) pode-se dizer que “patrimônio cultural diz respeito à herança cultural de um grupo, povo, nação”. Para Alfonso (2003) o patrimônio cultural, como as manifestações culturais religiosas, resultam do acúmulo histórico dos diversos povos e está presente na arquitetura, na arte, nos diversos conhecimentos de determinada sociedade, diferenciando os indivíduos de diversas etnias. O conceito de Patrimônio Cultural Imaterial é uma das classificações de patrimônio, e designa manifestações que não são expressas em sua materialidade, mas sim nas relações simbólicas e não exatamente em objetos materiais e nas suas técnicas (Gonçalves 2005). O Patrimônio Cultural Imaterial enquanto categoria de patrimônio cultural, também pode ser considerado como bens imateriais ou intangíveis (Unesco 2004), no qual incluem as “tradições expressivas como dança, música, folclore, artesanato, entre outros, o que passa a contribuir na preservação e transmissão das tradições” (Graburn 2009). A valorização desse tipo de patrimônio, segundo Veloso (2006), tende a fortalecer os espaços públicos nos quais determinadas comunidades e suas manifestações culturais e de identidade podem ser legitimadas.

As festas, a exemplo da Festa de São Benedito, são fenômenos religiosos assim como também são manifestações artística e cultural, que vem resistindo até a contemporaneidade em razão dos valores cultivados pelos devotos. Também se constituem como parte essencial da cultura de muitos brasileiros, em especial das camadas populares mais baixas. Pelo aspecto sagrado, é a ocasião em que o devoto faz o pagamento uma promessa por uma graça recebida de uma divindade. Considerando o aspecto profano, as festas apresentam elementos da cultura regional, como a musicalidade, as danças, shows de artistas, dentre outros (Amorim 2002).

No contexto Amazônico, as festas são de caráter comemorativo que valorizam os aspectos da identidade étnica, histórica, religiosa ou regional. Nessas festas, além dos valores religiosos, estão expressos também valores da identidade que referenciam e retratam o imaginário amazônico, sendo a realidade amazônica retratada nos rituais, como por exemplo, os rios; uma das grandes características das festas religiosas na Amazônia pode ser exemplificada com o uso dos rios nas procissões fluviais (Silva 2003).

Ainda segundo Silva (2003), essas festas não se limitam ao plano do sagrado, envolvem diversos aspectos da vida cotidiana, abrangem o plano econômico, cultural, turístico, das populações que as vivenciam. São espaços de reafirmação de uma identidade regional que se articula com diferentes perspectivas culturais, pois além da religiosidade existem diversas atividades paralelas que se aglutinam em torno dos espaços das festas, movimentando a economia, em algumas festas de maiores proporções são fortes instrumentos de convite ao turismo. Este, por seu lado, vem se constituindo como um forte impulsionador da cultura popular.

A transição deste evento religioso para elemento de identidade regional tem sido objeto de análise, como a pesquisa de Silva (1997) mencionada anteriormente, a pesquisa que realizamos atualmente (Correa 2016)⁶. A análise que realizamos procura articular duas dimensões, o simbólico e a ação, a *performance*, uma vez que se trata de identidades contextuais, com uma dimensão política. De acordo com Briones (2007) as identidades são construções históricas, e não podem ser vistas como fixas e naturalizadas. O pertencimento e comportamento são correspondentes necessários, mas sim, como “*múltiplas, inestável, negociadas, fragmentadas, fluidas, relacionales*,

⁶ Projeto de Qualificação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará

situacionales, contingentes, construidas, etc.” (2007: 60). Esse enfoque construtivista crescem em paralelo a visibilização dos novos movimentos sociais focados nas políticas de identidade, como a identidade de gênero, etnicidade e região.

Para Cardoso de Oliveira (2006) é um fenômeno sociocultural que só pode ser contextualizado no centro da comunidade que a abriga e que compartilha os traços culturais. Alguns elementos são importantes nas construções das identidades como a etnicidade, a nacionalidade, a regionalidade, que se sobrepõem, interseccionam e/ou se diluem umas nas outras, dependendo do contexto da sociedade em questão e dos aspectos da identidade – língua, território, raça, religião - que se quer ressaltar.

A identidade é passível de manipulação, que pode ser positiva, dependendo do contexto em que se torna necessário (re) afirmar sua identidade e os processos de identificação é um processo complexo, pois sofre influência de aspectos políticos, nacionalistas, econômicos, dentre outros, o que torna o processo identitário ambíguo e abre margens para o aparecimento de crises de identidades, visto que a identidade não está delimitada às fronteiras territoriais, é algo que se carrega consigo, é o caráter dinâmico da identidade, essa é a análise de Cardoso de Oliveira (2006), que também considera que a questão da identidade tem pontos em comum, como o reconhecimento da identidade étnica ou nacional, sua intensidade depende de fatores de ordem simbólica, como por exemplo, a cultura, o respeito à diferença, ambos são de ordem política, mas também aponta outro aspecto de ordem moral, que ele denomina de consideração.

Na análise elaborada por Dedival Silva (1997) sobre os elementos da identidade bragantina relacionados à festa de São Benedito, ele observa que os personagens principais, marujos, marujas, esmoladores e outros, estão permanentemente interagindo e se relacionando socialmente, criando uma noção de grupo, onde os envolvidos se reconhecem e são reconhecidos como produtores e mantenedores dessa manifestação. Para o autor a identidade se articula através da diferença, nesse caso, através de símbolos como o Santo, através da promessa e milagre. A imagem do Santo é um símbolo de diferenciação do grupo, e para o devoto o Santo é uma “entidade que pertence ao seu mundo social” (1997: 266).

Na sua análise o ritual da dança da Marujada é um momento privilegiado que permite as pessoas expressar sua religiosidade e sua identidade social. Este ritual passou por várias modificações ao longo de sua história. Surgiu como evento relacionado a

cultura de matriz africana; posteriormente tornou-se uma das maiores expressões da cultura popular bragantina, com protagonismo das mulheres. É um ritual onde se observa que as mulheres detém um poder simbólico.

Situando o conceito de ritual neste debate, Durkheim (1983), situa os ritos como tradutores das necessidades e dos aspectos tanto da vida individual quanto social. Edmund Leach (1996: 76) avança nessa discussão, considerando que “ritual é uma declaração simbólica que “diz” alguma coisa sobre os envolvidos na ação”. Ressalto que também trata dos adornos estéticos como importantes fontes de dados básicos. Segundo Leach, para se compreender a ética de uma sociedade é preciso atentar para a estética, pois os indivíduos de uma sociedade não consideram os adornos como irrelevantes, também são estes adornos parte de sua comunicação simbólica.

No estudo sobre os *Kachin*, do norte da Birmânia, Leach desenvolve a sua teoria sobre ritual onde diferentemente de outros afirma que o ritual “serve para expressar o status de indivíduo enquanto pessoa social no sistema estrutural em que ele se encontra temporariamente” (Leach 1996: 74). A ação ritual é por ele entendida como uma forma de afirmação simbólica sobre a ordem social de determinada sociedade. E como elemento capaz de dizer alguma sobre a sociedade, o ritual pode ser entendido como “drama social”, segundo a concepção de Turner (2005), um espaço para análise de conflitos.

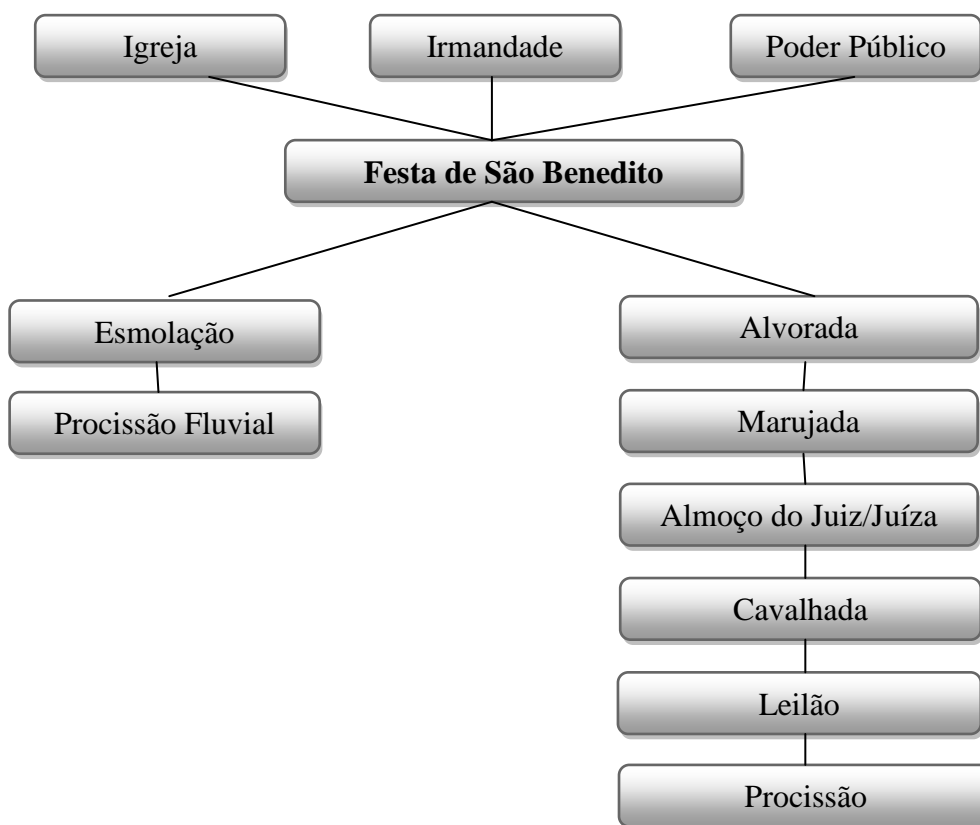
Estruturas e hierarquias: Marujas e Capitoas

As festas de Santo têm como uma de suas características a repetição, a existência de um ciclo, e se realizarem ao longo de vários dias, geralmente uma quinzena. Nesse período vários ritos menores acontecem, e apresentam características específicas, dentre eles destacamos a bandeira do Santo, o mastro, o uso de fogos de artifícios que inauguram e finalizam a quadra festiva, e marcam as alvoradas que convidam os devotos a participar, a procissão, o leilão, as missas, dentre outros.

A estrutura da Festividade de São Benedito contem atividades que ocorrem durante todo ano, sendo que alguns elementos desta estrutura são de menor importância e outros, como a Marujada e a Procissão tem grande destaque. A festa em si, se inicia

dia 18 de dezembro com a Alvorada⁷ e encerra-se no dia 26 com a procissão e a. Nos dias 25 e 26 de dezembro ocorre um dos ritos de maior relevância, período em que, comandados pela Capitoa, marujas e marujos dançam a Marujada no barracão⁸, e é considerado como um ritual profano, embora a devoção seja um dos principais motivos para participar desta dança. São duas apresentações em cada dia, pela manhã e pela noite.

A festa de São Benedito, segundo Carvalho (2010) é organizada pela Igreja e pela Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança, sociedade civil formada desde 1985, fruto da desintegração da antiga Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança fundada em 1798, e berço da Marujada, em virtude dos conflitos entre a Irmandade e a Igreja pelo controle da festa resultantes da polarização entre sagrado e profano. Podemos representar a estrutura da festa da seguinte forma:



⁷Silva (2003) define como o início da festividade dia 18 de dezembro, ocasião na qual as marujas usam os trajes azuis, realizam a dança da roda, acompanhadas pelos músicos, em frente à Igreja, dando início a alvorada.

⁸ Barracão é o local onde ocorrem as apresentações das danças e onde as mulheres ensaiam os passos das danças nos dias que antecedem as apresentações, é um espaço de disciplinaridade e intensa sociabilidade.

Na festa de São Benedito, Silva (1997) existe vários rituais, como o leilão do Santo, que é um evento onde as doações dos devotos, que são bens simbólicos, são trocados em forma de disputas por diversas pessoas. O ritual do almoço para Marujos e Marujas que ocorre nos dias 25 e 26 de dezembro, que é organizado respectivamente por uma Juíza e um Juíz, são cargos muito disputados por possuir grande visibilidade, ocupado geralmente por alguém com poder aquisitivo que, em pagamento de promessa ao Santo, deve custear as despesas do almoço nos referidos dias. A disputa fica evidente na “fila de espera” que está ocupada até 2028 (Corrêa 2015). Dentro da estrutura da festa, representa um papel político no qual os sujeitos (Juiz e Juíza) reforçam seu status na sociedade local.

A procissão de São Benedito é um dos rituais de grande visibilidade, que acontece no dia 26 de dezembro, último dia da festa. Na década de 1980 quando Silva (1997) realizou sua pesquisa, participaram cerca de oito mil pessoas. No ano de 2015 a estimativa foi de trezentas mil pessoas, entre marujas, marujos, espectadores externos e promesseiros (Correa 2015). Encabeçada pela ala das Marujas, comandada pela Capitoa e pela vice-Capitoa, a procissão segue pelas ruas de Bragança onde elas usam seus suntuosos trajes vermelhos e brancos, geralmente em pagamento de promessa, é um ritual sagrado e no qual há maior visibilidade estética feminina, carregando bandeiras ao som da banda de música, enquanto em seguida os marujos carregam o andor do Santo, até a Igreja de São Benedito (Corrêa 2015).

Outro importante ritual é a saída, que ocorre fora do período da festa, é a esmolação. Há três comitivas (comitiva do santo dos campos, das colônias e da praia) que durante grande parte do ano (abril a novembro/dezembro) realizam esmolações em áreas geográficas determinadas. A comitiva do santo da praia é a última comitiva a chegar no dia 08 de dezembro, e vem pelo Rio Caeté, desde a Vila do Camutá, comunidade que se situa na outra margem do rio, onde foi erguida a primeira capela para São Benedito. Essa procissão fluvial traz o Santo pelas águas do Rio Caeté, sendo este recebido pelas Marujas na orla de Bragança. É um dia muito simbólico, no qual as marujas recepcionam o Santo Preto nas margens do Rio Caeté.

Dentre outros ritos que ocorrem durante a festa como os ensaios no barracão, que acontecem em dias intercalados desde o início da festividade a dia da apresentação, também a tradição de tomar café da manhã com a Capitoa, nos dias 25 e 26; as marujas tomam café na casa da Capitoa e em seguida seguem juntas para a Igreja de São

Benedito para acompanharem a missa, após a missa iniciam as danças no barracão e no Museu da Marujada. O abraço simbólico que marujas e marujos envolvem a Igreja de São Benedito no último dia da festa. Destacamos também a programação musical, com shows de artistas regionais e locais.

A Marujada

A Marujada é reconhecida como Patrimônio Cultural e Artístico do Estado do Pará, desde 2009, através da lei nº 7330. O reconhecimento como patrimônio cultural pode traduzir a valorização dessa manifestação cultural como parte da reafirmação da identidade cultural dos bragantinos. Como diz Carvalho (2010), a Marujada é considerada patrimônio cultural imaterial, por ser uma manifestação de caráter popular que é repassada de geração para geração, por indivíduos que reforçam a tradição principalmente através da devoção à São Benedito, o Santo Preto, e também aos que solidarizam com a condição do negro escravizado em seus diversos aspectos.

O ritual da Marujada é um conjunto de danças que se estruturam sequencialmente sob o comando da Capitoa, se inicia com a dança da Roda, seguida do Retumbão, Mazurca, Chorado, Xote e Valsa. Para Carvalho (2010: 150) “A Marujada de São Benedito de Bragança é música, dança, religião, rituais, técnica, estética e moralidade, ao que se acrescenta um conjunto de bens materiais tais como a imagem, o mastro e as indumentárias”.

Sobre a dança Silva (1997) diz que:

A dança da marujada, como um “drama social”, corresponde, também, a um momento privilegiado para identificar dentro do catolicismo tradicional como a devoção (=sentimento) e o prazer (=festa) se manifestam de maneira a traduzir, no primeiro caso uma dimensão religiosa (o pagamento de uma promessa, a ida à igreja, o acompanhamento da procissão) e, no segundo caso, uma dimensão carnalizante (a brincadeira, a sacanagem, o riso, a comida, a bebida) (Silva 1997: 201).

O ritual da marujada se constitui como um espaço simbólico e heterogêneo marcado por diversas relações de poder, hierarquizações e negociações com a realidade. Também é um espaço exige disciplina centrada na figura da Capitoa, mesmo antes da festa iniciar como é o caso dos ensaios da dança no barracão. Além de aproximar devotos (as) e o Santo, também é um espaço para expressar sua identidade cultural. Nesse espaço a dança é um símbolo de diferenciação; para ser marujo (a) é necessário, além de ser devoto, saber dançar. Estar usando trajes específicos também é obrigatório,

principalmente no caso das mulheres, que tem rigoroso controle da Capitoa na preservação das características dos trajés (Corrêa 2015).

A dança da roda, que inicia o ritual da marujada, pode representar o que chamamos de hierarquia dentro do ritual. A Capitoa com seu bastão autoriza o início da dança, juntamente com a vice-capitoa é envolvida por um círculo de marujas com movimentos guiados por uma maruja chamada “cabeça de linha”, os marujos não participam desse momento, somente podem dançar na próxima dança; o retumbão. É um momento do ritual que reforça a autoridade da Capitoa, assim como ao privilegiar a participação feminina, evidencia o papel de protagonistas das marujas (Corrêa 2015).

Com a articulação dos principais personagens da Marujada, marujas e marujos, no processo de resistência da manifestação, esta conseguiu manter-se firme pelo aspecto religioso e afirmou um lugar de destaque como manifestação cultural, conquistando o título de Patrimônio Imaterial Cultural e Artístico do Pará em 2009. É possível afirmar que desde então o grupo que compõe a Marujada é muito mais heterogêneo, abarcando diversas classes sociais e constituindo complexas relações de poder. É um espaço de demarcação de classes sociais, onde as pessoas querem ser vistas, principalmente no dia 26, em que há maior concentração de pessoas, no Museu da Marujada onde o ritual ocorre. Há a presença de políticos, de pessoas “importantes” da cidade. Fica evidente que o espaço da festa se elitizou, e a Marujada é um espaço de visibilidade, onde se pode ser visto pela sociedade, pelos turistas, pelo público expectador em geral. Mesmo que uma das grandes características seja o “pé-no-chão”, há sempre marujas que buscam distinguir-se, seja através de uso de joias valiosas, ou tecidos que fogem do padrão, e são mais elaborados.

Vale ressaltar que a Marujada sofreu diversas transformações desde a pesquisa de Silva (1997), que data de 1988, período em que a Marujada se rearticulou das consequências negativas de ter estado na “linha de fogo” dos conflitos entre Igreja e a Irmandade, que disputavam o controle da festa de São Benedito e alguns dos seus espaços, como a Igreja de São Benedito. Desde então, vem adquirindo imensa visibilidade nas últimas décadas, principalmente pelo aspecto cultural, com grande apelo turístico e midiático, conquistou assim ressonância junto aos vários setores sociais de Bragança.

Segundo Silva (1997: 167), a Marujada permaneceu boa parte da história como apêndice da festa de São Benedito, vista apenas por seu caráter folclórico, ganhando

maior importância a partir da transformação da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança (IGSBB) em sociedade civil (Irmandade da Marujada de São Benedito – IMSB) que culminou dos conflitos entre a Irmandade e a Igreja, sobrevivendo por meio das estratégias de resistência dos participantes “com vistas a não perderem a sua identidade e com isso poderem reestruturar o seu universo simbólico, tornando-se os produtores de sua própria cultura”, e na atualidade, está reorganizada, possuindo grande destaque entre as manifestações culturais da região. A transformação da IGSBB em sociedade civil fortaleceu a Marujada.

Em uma análise da dimensão simbólica do ritual da Marujada, Silva (1997) a considera como espaço de construção da identidade dos personagens que nele estão inseridos, levando em consideração que a identidade é construída socialmente. Sua análise está centralizada no fenômeno da promessa, tratando também dos imponderáveis da vida cotidiana dos envolvidos, identificando os elementos simbólicos da dança. Para o autor o referencial de identidade étnica de marujos e marujas está vinculado ao passado escravocrata. A cor determinava a autoidentificação. Porém com as mudanças na estrutura social da festa, e levando em conta que a identidade é construída social e está sempre em processo, esse referencial ultrapassa a perspectiva étnica quando o espaço passa a ser democratizado, localizando a questão da identidade em uma zona de tensão e nos conflitos que causaram profundas transformações nessa manifestação.

No sentido da articulação da identidade das mulheres diante de uma hierarquia, na Marujada as mulheres desempenham papéis de protagonismo, sobre as raízes do protagonismo feminino Alencar (2013: 64) diz que “o comando feminino, marca de uma identidade negra, em suas sociedades matriarcais, a captoa conduz o elo com o passado, os escravos dos cultos pagãos das religiões afrodescendentes”, porém essa manifestação passou por várias modificações no decorrer da sua história, se inicialmente tinha suas raízes ancoradas em elementos da cultura africana, na modernidade assumiu um ritual católico. Além disso, se tornou uma das maiores expressões da cultura popular bragantina e representa um grupo heterogêneo, em diversos vieses, tanto de raça, como de gênero e classe.

A dança da Marujada é um elemento importante dessa identidade, expressa através dos símbolos que a distingue, como os trajes uniformizados, o chapéu (principalmente o chapéu das marujas), os pés descalços e o barracão, que segundo Silva (2007) são traços e expressões culturais que foram incorporados no decorrer da

história, principalmente com a reorganização do grupo a partir da década de 1980. A dança está relacionada com o passado escravocrata e a dramatização é um reflexo dessa condição do passado que reconstrói a identidade todos os anos.

O barracão onde se dança, constitui-se como o espaço de diálogo entre marujos (as) e São Benedito. É um espaço que é utilizado para a execução das danças, e também para os ensaios. A dança possui regras, disciplina, que é de responsabilidade da Capitoa. Importante considerar, que nesse processo que é a identidade, o barracão que antes era visto como “espaço de velhos”, nos termos de Silva (2007), tendo seu uso deslegitimado entre os mais jovens, no atual contexto foi possível observar que a presença de jovens é significativa, e por vezes, majoritária, principalmente entre os participantes do sexo masculino. Durante os ensaios que antecedem as apresentações, percebemos o barracão como um espaço aberto, onde diversas gerações de marujos e marujas podem compartilhar experiência sobre a dança. É um local de aprendizado, onde os mais velhos auxiliam os mais novos, também de repasse geracional da tradição, uma vez que são senhores e senhoras, crianças, adultos e jovens dentro e fora do barracão. A maioria das dançantes são mulheres que ensaiam sob a vigilância da Capitoa, que averigua se as saias estão de acordo com as regras por exemplo. É um espaço heterogêneo. A característica do uso de muitos adereços está presente em na Marujada de Bragança, onde as mulheres fazem uso de uma variedade de adereços, “quanto mais enfeitada, mais bonita a maruja”, esses acessórios são importantes demarcadores sociais, sendo algumas marujas usam acessórios em metal precioso, enquanto outras usam acessórios mais acessíveis (Corrêa 2015).

Com relação à música, é caracterizada pelo som do tambor, que além de recriar a história do grupo e consagrar ritmos como o “retumbão”, para Silva (1997: 275) se constitui como um “elemento performático muito eficaz na construção da identidade”. Essa construção da identidade através da música ultrapassou o contexto da festa, e se afirmou como elemento da cultura bragantina que é expressa em outros espaços do cenário artístico paraense.

Ser Marujo e Maruja não é somente ser devoto (a), tem que dançar, esse é um fator de diferenciação. No ritual da Marujada é elemento simbólico essencial “saber dançar a maruja. Todo dançador, ao entrar para o barracão de dança deve se submeter aos “códigos” do barracão. Estes códigos serão relacionados ao fato de se saber dançar todas as “representações” da marujada, e de estar uniformizado” (Silva 1997: 282). Para

o autor há outros elementos do que é “ser marujo (a)”; é ser devoto de São Benedito e ser católico. Com relação a isso, é possível observar que há sincretismo religioso, pois nem todos são católicos, existe a presença de umbandistas, e durante trabalho de campo, observei a presença de evangélicos. Uma jovem evangélica que faz parte da banda de música. Uma identidade que “circula em diferentes níveis de religiosidade” (1997: 282). Outra observação, é que a identidade também circula fora do aspecto religioso, como o caso do marujo se assume ser “devoto da Marujada”, pelo seu caráter de manifestação cultural, e não se considera devoto de São Benedito (Correa 2015).

Para Silva (1997) a identidade dos “irmãos de São Benedito” é construída dentro de uma descontinuidade cultural, como foi o caso das Irmandades, e está em permanente reconstrução, conseguindo sustentar a diferença de grupo através dos rituais, como a Marujada de Bragança. Nesse ritual há uma permanente manipulação de identidades. Se originalmente a marujada recorda a dimensão simbólica da escravidão, com o processo de mutação cultural, ela agrega novos elementos que produzem novos sentidos na estrutura social do grupo e se reconstrói todos os anos.

Ao longo de dois séculos que essa festa é realizada, podemos pressupor que muito se perdeu assim como vários elementos foram sendo incorporados no decorrer das décadas, o que é compreensível pela própria dinâmica cultural e pelos processos de metamorfoses que as manifestações populares podem passar no decorrer do tempo. Várias mudanças aconteceram na estrutura da festa, e as mulheres foram ganhando destaque como “donas da festa”, porém elas não detêm poder político, seu poder está mais no campo do poder simbólico que nas articulações políticas (ex. presidente da irmandade ser homem, diário de campo sobre capitoa e presidente nos ensaios). No campo da política, a organização ainda é predominantemente masculina, principalmente na estrutura da IMSBB, que, por exemplo, tem na presidência um homem, visto por essa perspectiva, situa as mulheres, pelo menos aparentemente, à margem do campo político.

Considerações Finais

Dentre os rituais da festa de São Benedito, a Marujada pode ser vista como o mais importante, contém símbolos que representam aspectos da identidade dos bragantinos. Possui intrínseca ligação com a devoção a São Benedito, sendo a promessa um fator que conecta o Santo aos marujos e marujas. A Marujada bragantina assume características

próprias que a distingue de outras existentes no Brasil, ao mesmo tempo em que influencia o surgimento de outras marujadas em regiões vizinhas.

São essas características próprias que a demarca como manifestação cultural própria de um povo, sendo elevada ao título de patrimônio cultural e artístico no intuito de resguardar uma tradição que vem sendo repassada geracionalmente, e que sobreviveu como fruto das resistências de marujos e marujas que ao longo dos anos mantêm a tradição. Mesmo com o processo de mudanças que esta vem sofrendo, desde sua rearticulação no fim da década de 1980 até o processo de patrimonialização. Ainda não são conhecidas as implicações do processo de patrimonialização para a manifestação, um estudo aprofundado seria necessário, porém podemos dizer que um dos fatores associados a patrimonialização é a visibilidade ao público externo, aumento do turismo, e com isso a forma como a comunidade se identifica com a manifestação.

A Marujada se constitui na atualidade como formada por um grupo heterogêneo, sua estrutura é formada por um grupo heterogêneo, em termos classe social, de raça, de gênero e religião, que comandado pela Capitoa dança em louvor a São Benedito, mas que também é um espaço de reafirmação cultural, visto a não correspondência necessária entre a promessa e o ‘dançar a marujada’. É um espaço simbólico, com complexas relações de poder, onde se destaca a presença das mulheres, assumindo características de autoridade e grande representatividade, podem ser consideradas “as donas da festa”, mesmo que o papel político das mulheres não apareça evidente, o que pode ser melhor aprofundado em estudo posterior.

Referências Bibliográficas

Alencar, L. F. 2013. (Des)silenciando os Rastros da Marujada de São Benedito em Crônicas da Revista Bragança Ilustrada. In *Nova Revista Amazônica*, v. 1 n. 1, pp. 48-67.

Alfonso, M. J. P. 2003. El patrimonio cultural como opción turística. In *Revista Horizontes Antropológicos*. v. 9 n. 20. pp. 97-115.

Briones, C. 2007. Teorías performativas de la identidad y performatividad de las teorías. *Tabula Rasa*. n. 6 pp. 55-83.

Cardoso de Oliveira, R. 2006. Os (des)caminhos da identidade: etnicidade e multiculturalismo. *Caminhos da Identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Paralelo 15.

- Carvalho, G. M. de O. 2010. A festa do “Santo Preto”: tradição e percepção da Marujada Bragantina. Dissertação de Mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília. Brasília.
- Corrêa, E. P. Caderno de campo. 2015.
- Corrêa, E. P. 2014. Mulheres Marujas de Bragança: percepções do lugar do feminino na Marujada de Bragança – Pará. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará. Castanhal.
- Corrêa, E. P. 2016. Ser maruja de São Benedito: Identidade e ritual na Marujada de Bragança-Pa. Projeto de Qualificação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Antropologia. Universidade Federal do Pará. Belém.
- Durkheim, É. 1983. As formas elementares da vida religiosa. In *Emilie Durkheim (Os Pensadores)*. São Paulo: Abril Cultural.
- Escobar, A. 2010. Identidad. In *Territorios de diferencia: lugar, movimientos, vida, redes*. pp. 231-283. Popayán: Envión editores. Colômbia.
- Fernandes, J.G. S. 2011. Pés que andam, pés que dançam: memória, identidade e região cultural na esmolação e marujada de São Benedito em Bragança (PA). Belém: EDUEPA.
- Geertz, C. 2008. A interpretação das culturas. 1. Ed. Rio de Janeiro: LTC.
- Gonçalves, J. R. S. 2007. Os Limites do Patrimônio. In *Associação Brasileira de Antropologia. Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos*. pp. 239-248. Blumenau: Nova Letra.
- _____. 2005 Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. In *Revista Horizontes Antropológicos*. v. 11 n. 23, pp. 15-36.
- Graburn, N. 2009. Antropologia ou Antropologias do Turismo? In *Turismo e Antropologia: novas abordagens*, pp. 13-52. Campinas: Papirus.
- Hall, Stuart. 2000. Quem precisa da identidade? In *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Organizado por SILVA, T. pp. 103-133. Petrópolis: Vozes.
- Leach, E. R. 1996. Sistemas políticos da Alta Birmânia. São Paulo: Edusp.
- Oliveira, L. S. 2012. A Interpretação de patrimônio como proposta para melhorar a experiência turística: o caso da Festividade de São Benedito em Bragança-Pa. In *IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*.
- Silva, J. M. 2013. Festas e identidades na Amazônia. In *Revista Observatório Itaú Cultural*. São Paulo: Itaú Cultural.
- Silva, D. B. 1997. Os tambores da esperança: um estudo sobre cultura, religião, simbolismo e ritual na festa de São Benedito na cidade de Bragança. Belém: Falangola.
- Turner, V. 2005. Floresta de Símbolos – aspectos do ritual Ndembu. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense.
- Veloso, M. 2006. O fetiche do patrimônio. In *Revista Habitus*. v. 4 n. 1, pp. 437-454. Goiânia.